

Arida quer Plano Cruzado reeditado

Ailton C. Freitas

O ex-diretor da área bancária do Banco Central, Persio Arida, fez ontem sua reaparição em Brasília e defendeu a redação, com revisões, do Plano Cruzado pelo próximo Governo. O ex-ministro da Fazenda, Ernâne Galvães, sugeriu um novo plano de estabilização econômica, com a combinação de medidas ortodoxas e heterodoxas. O vice-presidente do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec), Paulo Guedes, disse que o País precisa apenas de um choque fiscal e advertiu que um novo congelamento de preços não dura mais do que um mês.

Após admitir o insucesso do Plano Cruzado, Arida concordou com os demais debatedores, no seminário promovido pelo Banco Central, quanto à inclusão do choque fiscal no novo plano de estabilização econômica. Hoje, assumindo uma diretoria no Unibanco, Arida disse que o futuro ministro da Fazenda precisará ter o controle de todas as empresas estatais e também dos bancos federais.

Controlar estatais

O ex-diretor do Banco Central afirmou que, fora do controle da Fazenda, as estatais executam planos de expansão e abrigam monobras corporativistas que pressionam o déficit público. Segundo ele, as estatísticas sobre déficit fiscal não refletem a realidade, ao deixar de fora os bancos oficiais. Argumentou que a perda patrimonial dos bancos também significa déficit público.

Enquanto a cobertura do déficit público com a emissão de moeda tem impacto inflacionário imediato, Arida observou que financiar o desequilíbrio fiscal com recursos do mercado, via colocação líquida de títulos federais, só posterga a inflação, com ampliação do próprio déficit pela elevação dos encargos financeiros. Afirmou ainda que hoje ninguém grita contra as altas taxas de juros, uma vez que o grosso do setor privado é aplicador líquido no mercado financeiro.

O ex-ministro Ernâne Galvães disse que o presidente José Sarney precisa ter sensibilidade para decidir se antecipa ou não a posse do seu sucessor. Se a inflação mensal estiver ao nível de 40%, Galvães defende a manutenção do mandato de Sarney até março. Do contrário, afirmou, o próprio Sarney deve ser "o primeiro interessado" na antecipação da posse do novo presidente.

Segundo Galvães, seja Collor de Mello seja Lula, o próximo presidente precisa atacar o problema primordial do déficit público e deixar para uma etapa posterior as questões sociais, como a reforma agrária.



Guedes (E), Bucchi, Galvães e Arida (D) divergem cordialmente e dão sugestões para 1990